

---

A TRÍADE INDISSOLÚVEL:  
SOCIEDADE — CULTURA — CIVILIZAÇÃO

---

---

A TRIÁDE INDISSOLÚVEL:  
SOCIEDADE — CULTURA — CIVILIZAÇÃO

---

Muito cedo, logo nos alvares da transformação social operada pelo movimento que triunfou em Abril de 74 vingou a ideia de que a mudança punha o imperativo de uma revolução cultural.

A preocupação estava organicamente certa mas conceitualmente errada.

Certa, porque: importava pôr em equação cultural a nova situação do homem português.

Errada, porque: os moldes culturais adoptados para essa finalidade traduziam conceitos enraizados em experiências e vivências que nos eram alheias.

Tornou-se, assim, notório que a cultura veiculada pelo aparelho político que a requeria marxizada não logrou sensibilizar os seus destinatários. Verificou-se, sim um breve surto de vultuoso consumo desse estrangeirismo cultural. Mas para a sua aquisição contribuiu fundamentalmente o ensejo de contactar-se com ideias até aí proibidas de circularem. Uma vez facultada a acessibilidade aos temas e nomes sobrestimados pela interdição, assinala-se um desinteresse cada vez mais acentuado pelo produto cultural com que se intentava afanosamente instalar na nossa cultura o primado do social em termos que satisfaziam a óptica marxo-leninista.

É muito sintomático observar-se o que no mercado do livro se regista quanto à baixa de vendas de títulos marxistas e congéneres os quais, depostos dos *tops* em que permaneceram durante muitos meses são substituídos por obras de cariz político bem diferente quando não oposto.

As predilecções dos consumidores de ideias neste caso transmitidas pelo livro, fixam-se, portanto, em obras que respondem à sua rejeição de um conceito de cultura que, nas nossas predisposições espirituais não encontra ambiente para se aclimatar. Entretanto é de notar que os títulos agora galardoados pelo consumo maioritário são priviligiados não por serem condutores de valores que tipifiquem a especificidade da nossa cultura mas porque canalizam a negação do produto estrangeiro que a quis desespecificar

Por conseguinte, um espaço vazio, aberto pela *negatividade* oposta à iniciativa de se estrangeirar a cultura portuguesa e a inexistência da *positividade* de uma afirmação cultural fundamentada nas estruturas que nos são próprias.

Entre a recusa da cultura que não se quis por desidentificante e a cultura identificante que não se faz, eis o fosso cavado na vida mental portuguesa.

É contudo inegável que o safanão socio-político que abalou a sociedade portuguesa encerra um conteúdo o qual exige um traslado cultural que faça entrar o *novo* no *contínuo*. Isto é: que ofereça efectivamente uma dinâmica mental de renovação concordante com a que move as transformações sociais em curso. É aqui que a cultura representa o grande elemento integrador dessa mudança e das condicionantes espirituais que lhe fixam o campo.

Neste ponto, entra forçosamente nas nossas considerações a composição triádica que consubstancia a história dos povos: o social, o cultural e o civilizacional.

O social concerne os fenómenos e as relações da vida do grupo nas condições particulares que determinam a organização dessas relações e os serviços recíprocos. A particularidade do facto social manifesta-se por sua vez em acções e ideias que formam o património cultural do grupo. Recebendo sustento do social, a cultura seleciona os valores que àquele são mais adequados e propícios ao progresso espiritual e material do grupo social. É deste labor selectivo da cultura que finalmente surge a civilização, ou seja o conjunto complexo de fenómenos sociais super-estruturados na sua catalogação cultural.

Temos, portanto que, estiolada a cultura, a civilização sofre os efeitos dessa anulação. E sendo esta que mantém os padrões da particularidade do social, uma vez obliterados esses padrões, o social abandonado à materialidade do seu funcionamento primário, corre o risco da barbarização.

Retomamos assim a apreensão de anotarmos o vazio do espaço cultural onde imediatamente urge colocar os factores mediais entre o social e o civilizacional, sob pena da sociedade portuguesa perder os guardiões espirituais da nacionalidade.

Surge porém um atrito nesta necessidade de rapidamente se reestabelecer, mediante uma reconstrução cultural a harmonia entre o social e o civilizacional.

Um elemento novo, fere as nossas reflexões.

A civilização portuguesa caracteriza-se pelo seu *élan* civilizador que, nas

regras do único jogo possível até à data em que os ponteiros da História marcam a hora da descolonização se exerce como expansionismo colonialista.

Em 25 de Abril de 74 concretiza-se o que inevitavelmente se inscrevia no destino a dar aos territórios então colonizados. O grande impulsionador da civilização portuguesa cessa abruptamente. A perplexidade posta por essa violenta mutilação consiste em interrogarmo-nos sobre a questão de sabermos se a privação sofrida a nível civilizacional tem reflexos na ordem social.

Parece-nos que a primeira conclusão é assentarmos no seguinte: as descobertas marítimas não são em si o factor que desencadeia a dinâmica da civilização portuguesa. Ocorrem sim como materialização de uma aptidão que, estimulada por um posicionamento geográfico atlantista, se concretiza numa dilatação civilizadora do escasso território português.

Por fatalidade ou resistência a fechar o ciclo que as nossas caravelas abriram, coube-nos o papel de rematar um período histórico em que não mais é possível a expansão nos termos em que a praticámos. Encontramo-nos novamente recolhidos na parcimónia da terra que conquistámos ao corpo ibérico. Voltámos precisamente ao ponto de partida. Isto é: ao ponto em que somos provocados pela nossa vocação espiritual para *descobrir*. Apenas a circunstancialidade geo-histórica não permite que esse impulso seja repetido em acto físico.

É nesta crucialidade da tendência e de se achar uma nova forma para a sua praticabilidade que a cultura tem um trabalho de Hércules a desempenhar: converter em interiorização a tendência para descobrir, reajustando o civilizacional ao novo contorno social.

Se o elo não for restabelecido, estão criadas as condições para fazer perigar a independência nacional. A esse precalço dificilmente escapam as sociedades descivilizacionadas.

Em conclusão:

Urge encarregar a cultura da subjectivização das nossas virtualidades. É necessário que, sem demora ela se lance no labor de produzir valores identificantes. São estes a ligação da tríade que, indissolúvelmente transforma a energia espiritual de um povo em energia prática.

*Natália Correia*